

O PAPEL DA INOVAÇÃO NA ECONOMIA COMPARTILHADA E A TRANSFORMAÇÃO PARA UMA ECONOMIA COLABORATIVA

Hélio Burigo¹, Janice Bernardo², Erenê Oton França de Lacerda Filho³, Jackson Teixeira Bittencourt⁴

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná, helio.burigo@icloud.com; ² Universidade Federal do Paraná, janicebs@gmail.com; ³ Universidade Federal do Paraná, francadelacerda@gmail.com; ⁴ Pontifícia Universidade Católica do Paraná, jackson.bittencourt@grupomarista.org.br.

RESUMO

Novas tecnologias e mídias digitais vem promovendo, nos últimos anos, novos produtos e serviços, além de mudar o perfil de consumo, as negociações empresariais e trazendo reflexos na economia compartilhada. Neste ensaio, de forma qualitativa embasada em entrevistas, visitas e estudos no curso de *Green Economy and Sustainability* na Università degli Studi di Ferrara UNIFE-Itália, foram selecionadas 14 empresas, classificadas no modelo Botsman e Rogers e na tipologia de Freitas, Petrini e Silveira, cujos resultados convergem para acesso e consumo de bens. Na ótica redistributiva aliada a sustentabilidade, este modelo econômico cria renda e serviços com maior facilidade e acesso ágil. Os *FabLabs* e *coworkings* favorecem *networking* e capacitação aos novos desafios da Era Digital. E mais, a economia colaborativa se pauta em elevado grau de interação e confiança e envolve relações interpessoais no processo, por consequência cria uma infinidade de relacionamentos e de conectividade social. Há o desafio de adaptar normas legais existentes ou criar novas leis que garantam o princípio da livre concorrência evitando a concorrência desleal sem desestimular a inovação.

Palavras-chave: Consumo colaborativo. Sustentabilidade. Capacitação digital.

INTRODUÇÃO

A economia compartilhada surgiu em 2008, como novo sistema sócio-econômico para reduzir a concentração da renda, democratizar a economia global, criar uma sociedade sustentável e desenvolver a tecnologia. Combina práticas existentes com *Information Communication Technology* (ICT) e plataformas inovadoras. A tecnologia de rede criou novas modalidades de serviços, gerando ao consumidor acesso e resposta imediata às suas necessidades, aliada as mudanças socioculturais e de paradigmas. Para usufruir bens de consumo, de modo imediato, alterou o conceito e prática capitalista tradicional, surgindo serviços como AirBnB, Netflix, Uber, Spotify etc.

Estudos de Schumpeter contribuíram com o modelo de economia compartilhada e o desenvolvimento econômico pautado no processo de inovação, alterando o entendimento sobre consumo, economia de mercado e a redução do monopólio de poder. Destacou que o produtor inicia a mudança econômica e os consumidores por ele são “educados”:

eles são, [...] ensinados a desejar novas coisas, ou coisas que diferem de alguma forma daquelas que têm o hábito de consumir. Daí a prescrever a “destruição criadora”, ou seja, a substituição de antigos produtos e hábitos de consumir por novos (SCHUMPETER, 1997, p. 10).

Assim, “o acesso ao bem em vez da propriedade” é a ordem ao novo modelo socioeconômico e antídoto para luta contra o capitalismo e o hiperconsumismo, vislumbrando o desenvolvimento sustentável e a redução do uso de recursos não renováveis. Nota-se o compartilhando e crescimento de bens, serviços, informação, espaço, tempo ou conhecimento, particularmente na área de turismo, transporte, energia, design e nutrição. Em destaque a importância da evolução do pensamento teórico e a influência no comportamento econômico, a análise do cerne da economia compartilhada, sua formação, plataformas de funcionamento e o impacto na economia atual.

TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CAPITALISTA

O economista e cientista político Schumpeter estabeleceu em sua análise bases, as quais atua o desenvolvimento econômico: propriedade privada, divisão do trabalho, livre concorrência, introdução de novo bem de consumo ou melhorias, novo método de produção, abertura de novo mercado, descoberta de novas fontes de matéria-prima ou bens semimanufaturados, e, reorganização da linha produtiva com a criação ou ruptura de monopólio. Próximo ao funcionamento da economia capitalista analisa o fluxo circular e cada bem produzido que se encaixa no mercado. Observou que incrementos na produtividade, resultantes de mudanças no processo de trabalho e aperfeiçoamento tecnológico, não significam crescimento econômico, pois a tecnologia já é conhecida (SCHUMPETER, 1997).

Nessas circunstâncias, mudanças econômicas substanciais não podem ter origem no fluxo circular, tão pouco o caráter evolutivo do capitalismo ocorre em meio natural e social ou com o aumento da população e do capital. E mais, o processo de destruição criadora como forma de compreender o capitalismo, com adaptação empresarial a esse processo. Tendo em vista estas características aliada a evolução tecnológica, vislumbra-se sintonia entre conceitos como economia colaborativa, economia compartilhada e consumo colaborativo, com notoriedade em alguns setores do mercado, com modelos de negócios inovadores em relação à oferta do serviço e sua forma de consumo.

A economia compartilhada é considerada um sistema socioeconômico construído em torno do compartilhamento de recursos humanos e materiais, e inclui criação, produção, distribuição, comércio e consumo de bens e serviços por pessoas e organizações.

“A economia de compartilhamento, em suas diversas faces, é uma criatura híbrida, parte economia de mercado, parte economia social. Enquanto a economia de mercado é regulada por leis e pelas regras inerentes que embasam o sistema

capitalista, a economia social, sendo um bem comum, segue um caminho regulatório diferente. Embora parte da supervisão e da regulação seja conduzida pelo governo, muito do restante baseia-se em normas de auto governança, com que milhões de participantes concordam voluntariamente como uma condição para sua participação nos bens comuns” (RIFKIN, 2016, p. 298).

O sistema está baseado no compartilhamento pela rede onde pessoas têm acesso em vez da posse, cuja estratégia consiste na venda reiterada do mesmo produto, uso de redes móveis, foco em mercadorias, comprometimento com clientes e redes sociais. Este modelo foi propulsado por avanços tecnológicos a custos reduzidos de transações, facilitando a criação de negócios baseados na troca e no compartilhamento de bens e serviços.

Os serviços de compartilhamento abrangem áreas como tecnologia, transporte, ensino, hospedagem, vestuário, pet, alimentação, streaming, entre outros, estando em várias cidades do globo. A concentração em microrregiões de firmas especializadas (*cluster*) possibilita a criação de elos, aumento e disseminação do fluxo das informações, proximidade e cooperação destas alianças estratégicas, bem como o ritmo da difusão das inovações (BITTENCOURT, 2011). Já a organização empresarial varia em termos de escala, maturidade e finalidade, podendo ser organizados e identificados em três áreas: sistemas de serviços de produtos, mercados de redistribuição e estilos de vida colaborativos (BOTSCHAN; ROGERS, 2011):

➤ *Sistemas de serviços de produtos:* embasado em mudança cada vez maior de pessoas de diferentes origens e faixas etárias para uma “mentalidade de uso”, onde a posse do produto perde relevância e o benefício do uso se torna o principal objetivo. Este conceito afeta setores tradicionais baseados em modelos de propriedade privada individual que se encontra com uma nova característica do mercado que procura o compartilhamento maximizando o uso, as vantagens ambientais e redução de custos sobre o produto.

➤ *Mercados de redistribuição:* por redes sociais as mercadorias usadas ou de outro proprietário deixam o local onde não são necessárias e destinadas ao local ou pessoa que

necessite. Pauta-se em trocas livres ou negociados por pontos ou dinheiro. Há o estímulo à reutilização e a revenda de itens antigos que eram descartados, reduzindo-se o desperdício. A redistribuição ou logística reversa é considerada uma forma sustentável de comércio, tornando-se o quinto “R”: reduzir, reciclar, reutilizar, reformar e redistribuir.

➤ *Estilos de vida colaborativos*: envolve ativos menos tangíveis entre pessoas com interesses semelhantes, reunidos para compartilhar espaços de trabalho, bens, tarefas, tempo, recados, habilidades, alimentos e vagas de estacionamento. Quando se trata de estilos de vida colaborativos é necessário elevado grau de confiança, pois o foco da troca consiste na interação do capital humano ao invés de troca de materiais e insumos.

ECONOMIA COMPARTILHADA

Abaixo estão discriminados três sistemas de consumo colaborativo, apresentadas 42 empresas de *sharing economy* e descritas em subdivisões específicas.

Sistemas de consumo colaborativo	Descrição	Exemplos
Sistemas de serviços de produtos (SSP)	Em um SSP, um serviço permite vários produtos de propriedade de uma empresa sejam compartilhados.	Carros
		Energia Solar
		Lavanderias automáticas
	Permite que produtos de propriedade privada sejam compartilhados entre pares.	Zilok
		Rentoid
		RelayRides
	Os SSPs também podem aumentar a vida de um produto através de serviços de manutenção.	Denim Therapy
		Steelcase
		Interface Carpets
Modelos de redistribuição	Baseia-se inteiramente em trocas livres.	Freecycle
		kashless
		Aroundagain
	As mercadorias são vendidas em troca de pontos.	Barterquest
		UISwap
	As mercadorias são vendidas em troca de dinheiro.	e-bay
		Flippid
	Os mercados são uma mistura disso.	Scoodle e caiglist
		thred-Up
	Mercadorias como DVDs, jogos, roupas, livros, brinquedos podem ser trocadas por produtos semelhantes.	MakeupAlley
		Swapstyle
		Toyswap

		M' Dig Swap
	Mercadorias de valor semelhante.	SwapTree SwapsSimple
	As trocas costumam ser realizadas entre desconhecidos anônimos, mas às vezes os mercados conectam pessoas que já se conhecem.	Share Some Sugar Neighbor Goods
Estilos de vida colaborativos	Espaços de trabalho	Citizen Space
	Bens	Hub Culture Neighborrow
	Tarefas, tempo e recados	Dave Zillion Ithaca HOURS
	Jardins	Urban Gardenshare Landshare
	Habilidades	Brooklyn Skillshare
	Alimentos	Neighbor hood Fruit
	Vagas de estacionamento	Park at My House
	Empréstimo social entre pares	Zopa
		Prosper
		Lending Club
	Viagens	Couch Surfing
Airbnb		
Roomorama		

Quadro 1- Sistemas de consumo colaborativo. Fonte: Botsman e Rogers, 2011.

Dos conceitos de consumo colaborativo encontrados na literatura, Freitas, Petrini e Silveira, propuseram uma tipologia com dez características: tipo de plataforma, modelo de compartilhamento, tipo de compartilhamento, natureza do compartilhamento, transação financeira, duração do compartilhamento, anonimato do consumidor, envolvimento do consumidor, influência política e inovação coletiva. Por estar presente nos 72 sites analisados, para facilitar a identificação, sintetizaram nas quatro características: tipo de plataforma, transação financeira, modelo de compartilhamento e tipo de compartilhamento.

Características	Ocorrência	Fontes pesquisadas
Tipo de Plataforma	Interferente	Hamari et al., 2015; Botsman e Rogers, 2010
	Intermediadora	
Modelo de Compartilhamento	Acesso	Bardhi e Eckhardt, 2012; Belk, 2010; Botsman e Rogers, 2010
	Transferência	
Tipo de Compartilhamento	Aluguel	Hamari et al, 2015; Corciolani e Dalli, 2014; Belk, 2010; Botsman e Rogers, 2010
	Empréstimo	
	Troca	
	Doação	
	Presente	
Transação Financeira	Compra de bem usado	Hamari et al., 2015
	Presente	
	Ausente	

Quadro 2- Características do consumo colaborativo. Fonte: Freitas, Petrini e Silveira, 2016.

Quanto ao tipo de plataforma dois tipos de ocorrência: a *interferente* atinente a troca financeira realizada pela plataforma on-line e envolve aspectos legais; a *intermediadora*, quando as plataformas não se envolvem no processo, operam como ferramenta de comunicação ente as partes interessadas. No que se refere ao modelo de compartilhamento existem duas divisões: *acesso* onde o consumidor recebe apenas permissão de uso e, *transferência* de propriedade dos bens. Quanto ao tipo de compartilhamento, tem-se o *aluguel*, o *empréstimo*, a *troca*, a *doação*, a *compra* de bem usado, semelhante a troca. E transação financeira, podendo estar *presente* ou *ausente*.

MODALIDADES DE ECONOMIA COMPARTILHADA

A economia compartilhada é recente e possui difusão crescente, influenciada pela popularização dos celulares/smartphones, alçada pela necessidade de melhoria nos transportes e ampliação de novas fontes de renda. Instalada em 2013 em Curitiba, a **Fleety** foi a primeira rede brasileira de carros compartilhados, em que os donos de automóveis alugam seus carros para terceiros que precisam de um veículo por curto período de tempo. Esta modalidade também foi implantada nas cidades em São Paulo e Florianópolis (WALTRICK, 2015).

A **Uber Technologies Inc.** surgiu em 2009, São Francisco/EUA, fundada por Travis Kalanick e Garret Camp. Afirmam não ser empresa de transporte, mas de tecnologia. Em 2017, estava presente em 549 cidades em 78 países, oferecendo a possibilidade de motoristas parceiros se conectarem com usuários que buscam traslado individual. O crescimento foi meteórico, em janeiro/2016 a empresa estava em cinco cidades nos EUA e contava com 10 mil motoristas, no ano seguinte atingiu 40 cidades e superou a marca de 50 mil motoristas parceiros e registra 8,7 milhões de usuários ativos (VEJA, 2017).

A **Airbnb** foi fundada em agosto de 2008 por Joe Gebbia, Brian Chesky e Nathan Blecharczyk em São Francisco/EUA. Conecta usuários que anunciam e procuram meios de hospedagem, com preços variados e acomodações únicas. Proprietários de casas, apartamentos e até barcos disponibilizam dormitórios ou o imóvel inteiro para os hóspedes. Com dados de 90 mil diárias registradas em 2012 no Brasil, houve um aumento de 1180% em comparação às 7 mil diárias computadas em 2011. Esta modalidade se popularizou mesmo com a concorrência das redes de hotéis e pousadas, não possui dificuldades com regulação, foi um dos fornecedores oficiais para as Olimpíadas Rio 2016, estando presente em mais de 65 mil cidades em 191 países (AIRBNB, 2017).

A **Blablacar**, maior comunidade de caronas do mundo, onde condutores e viajantes compartilham viagens de carro e reduzem custos. Fundada por Frédéric Mazzela na França em 2006. Presente em 22 países e possui 35 milhões de membros nos idos de 2017. Segundo Ricardo Leite diretor-geral da companhia Blablacar, a situação de crise econômica, o volume de veículos e a elevação do custo dos combustíveis favoreceram a entrada desta plataforma no Brasil, que passou a operar em 30.11.2015, e avaliou a ausência de problemas ou oposição no país, visto que o “objetivo é permitir a redução do custo de viagem e não criar um serviço de motorista remunerado”. Acrescentou que até que o serviço atingisse maturidade, entre 18 a 24 meses, não seriam cobradas taxas pela empresa. Após, seria cobrado dos passageiros uma tarifa de a 10-15% do custo estimado da viagem para cada passageiro. Contudo, até o momento não foi imposta a referida tarifa (BLABLACAR, 2019).

Vale destacar a **Cargo X**, idealizada por Frederico Veja, com vistas a malha viária brasileira, com mais de 100 mil km onde circulam 2,6 milhões de caminhões. Este aplicativo facilita a conexão de motoristas e pedidos de acordo com a proximidade das rotas. O projeto iniciou nos idos de 2017, e atraiu investidores como o mexicano Oscar Salazar, cofundador da Uber. “O Brasil tem um mercado de transportes enorme, mas sem inovação. O APP

aborda o problema de uma forma criativa”. Salazar acredita que, como nos EUA durante a crise de 2008, tem-se uma ótima chance para empresas se reinventarem e empreendedores com boas ideias crescerem. “Maior a crise, maior a oportunidade” (FORBES, 2016).

A **Netflix** é um serviço de streaming (em tempo real), o qual permite aos clientes assistirem filmes, séries e documentários. Fundada em 1997 por Reed Hastings e Marc Randolph nos EUA, como serviço online de locação de filmes. A partir de 2007 foi introduzido o *streaming* e hoje conta com mais de 93 milhões de membros em 190 países.

Dog Hero é uma alternativa de hotéis para cães com hospedagem domiciliar. A plataforma liga o tutor do cão a um anfitrião que hospeda em sua residência. Surgiu em 2014 e idealizado por Eduardo Baer e Fernando Gadotti. Em setembro de 2016 atingiu a marca de 100 mil cães registrados e 5 mil anfitriões registrados em 400 cidades brasileiras (DOGHERO, 2017).

O **EatWith** é uma plataforma que conecta o anfitrião e convidados para recebê-los, em sua casa, para jantar ou almoço, conforme o valor disposto a pagar. O convidado escolhe o anfitrião pelo site e realiza uma refeição na casa do cozinheiro. Criada em Israel em 2013 por Michlin Guy e Shemer Schwartz, presente em 200 cidades em 50 países (EATWITH, 2017).

A **Bliive** oferece troca de serviço, conhecimento ou ajuda, de maneira simples entre usuários. A moeda BLIIVES é utilizada pelo usuário para troca de conhecimento. São oferecidas aulas como: revisão de texto, aulas de forró, manutenção de computadores, aulas de skate, *coaching* para empreendedores etc. Lorrana Scarpioni, idealizadora e sócia da *startup*, teve a ideia em 2012 em Curitiba e no ano seguinte iniciou as atividades.

ESTUDOS DE CASOS E EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS NA UNIFE-ITÁLIA

As modalidades abaixo decorrem de visitas técnicas e entrevistas de estudos na UNIFE-Itália, objetivando compreender o funcionamento das empresas dentro do conceito de compartilhamento, uso dos espaços e sustentabilidade do negócio.

FabLab cujo termo se origina do inglês (laboratório de fabricação), trata-se de pequena oficina de fabricação digital e serviços personalizados, criado pelo físico Neil Gershenfeld do Massachusetts Institute of Technology (MIT), oriundo do curso "Como fazer (quase) tudo", propiciando um laboratório com ferramentas para projetos pessoais. Abarca uma série de equipamentos computadorizados que executam de forma flexível e semiautomática a produção de vários objetos personalizados sem necessidade de produção em massa. Possibilita o desenvolvimento de produtos customizados e protótipos em pequena escala. Franqueado àqueles que trabalham em projeto ou protótipo relacionado ao objetivo em compartilhamento e democratização do acesso às ferramentas, promover a criatividade e o desenvolvimento de ideias (FAB LAB FOUNDATION, 2018). Os principais instrumentos disponíveis são: impressoras 3D, máquinas de corte laser para madeira, vinil e metais, fresagem de controle numérico ou serviços de soldagem e trabalhos eletrônicos. O público alvo são *makers*, cientistas, engenheiros, designers, arquitetos e estudantes, podendo compartilhar conhecimentos e habilidades, em reuniões semanais após a jornada de trabalho.

Sua receita financeira deriva de anuidades pelo uso do espaço e dos recursos disponíveis. Caso o cliente não tenha capacidade de manuseio, paga uma taxa adicional pelos serviços de um operador/técnico, para operar o equipamento e auxiliar o cliente. Ao ser entrevistado em 23.04.2018, Enrico Bassi¹, coordenador da Opendot de Milão, afirmou que

¹ Enrico Bassi: Entrevista cedida a Helio Burigo. Opendot, Milão 23 de abril de 2018.

são realizados cursos de formação digital para manuseio de equipamentos relacionados com conhecimento de software e sistemas eletrônicos como Arduino² (plataforma de maior acessibilidade a robótica) são desenvolvidos e oferecidos aos clientes como forma de receita, além de serem firmadas parcerias com associações e empresas. Matteo Ordanini³, responsável pelo treinamento digital no The FabLab, declarou que “as companhias produtoras de equipamentos digitais podem ser também grandes parceiras”, com o objetivo de promover seus produtos para potenciais clientes ou potenciais influenciadores, eles disponibilizam os equipamentos através de doações ou empréstimos. Existe uma interação forte entre FabLabs no plano mundial, onde trocam experiências dos projetos que cada um está trabalhando e há uma troca de conhecimento entre profissionais de forma colaborativa.

Coworking é um modelo de compartilhamento de ideias, o networking e colaboração entre profissionais de diferentes áreas. Grande parte dos espaços fundados por empreendedores de tecnologia "nômades" procuravam locais de trabalho alternativos como cafés ou suas próprias casas. Surgiu na década de 1990, para compartilhar recurso como internet, recepção, telefone e impressoras. O Ilturco é o primeiro coworking na cidade de Ferrara/Itália, organizado por voluntários que restauraram um edifício histórico. Os benefícios de interações, trocas de experiências, criatividade e aumento de produtividade despertaram interesse de companhias de tecnologia (Verizon, IBM, Microsoft) e das *startups* para desenvolverem projetos neste ambiente e alocarem funcionários (ENTREPENEUER, 2018).

Foi criado em 2016 o **Festival Interno Verde** pela associação Ilturco. Esta associação faz a gestão do coworking e promove o desenvolvimento sociocultural por meio da revitalização de espaços verdes e de interesse histórico da cidade. Os objetivos consistem

² Arduino: placa fabricada na Itália (projeto iniciado em 2005) utilizada como plataforma de prototipagem eletrônica que torna a robótica mais acessível a todos (www.techtudo.com.br/noticias/noticia/).

³ Matteo Ordanini: Entrevista concedida a Helio Burigo. THEFABLAB, Milão 23 de abril de 2018.

em: oferecer aos habitantes a oportunidade de ver e vivenciar o espaço normalmente interditados ao público. Promover por meio do excepcional compartilhamento dos espaços o sentimento de vizinhança e pertencimento baseado na confiança e na reciprocidade – senso comunidade (ILTURCO, 2018).

De forma crescente o evento contou com 30 jardins de visitação em 2016, foram 50 espaços em 2017, elevando no ano subsequente, sua terceira edição, para 70 jardins contando com a participação de 8000 visitantes. Neste último evento citado foram mobilizados 200 estudantes da UNIFE e voluntários, responsáveis pela recepção, acessibilidade e organização do fluxo dos hóspedes nos diversos jardins de Ferrara. O roteiro do evento conta com um mapa de todos os jardins participantes, livro descritivo com o histórico das edificações, famílias, plantas etc., ao custo de adesão de 10 euros. Esta receita garante o evento e a sustentabilidade anual da associação, atividades do coworking e o efeito reflexo no comércio de turismo local.

A **Talent Garden** (TAG) funciona neste conceito sendo a maior rede de coworking da Europa. Este negócio atingiu 17 campos em 5 países europeus, com mais de 1500 profissionais envolvidos e centenas de estudantes treinados todos os dias para se tornarem profissionais do futuro. TAG Business está focada em 3 pilares, a saber: coworking e o envolvimento de diferentes profissionais individuais, *startups*, empresas, por intermédio de parcerias com uma FabLab disponível; Escola de Inovação que desenvolve programas de treinamento para pessoas físicas e empresas focadas em inovação e transformação digital; Eventos que promovem oficinas do mundo digital diretamente pelo TAG ou parcerias com empresas do setor tecnológico.

Airbnb voltado para locação imobiliária de residência ou cômodos, com intermediação direta do proprietário. Houve a experiência direta deste aplicativo e a constatação de sua efetividade e eficácia em algumas cidades da Europa. Utilizou-se os

serviços na região de Wassenburg no período de inverno, cidade de Munique/Alemanha; no bairro de Bonne Nouvelle-2 ARR cidade de Paris/França; na região San Giovanni no período de primavera cidade de Roma/Itália; nas proximidades de London Bridge no período de primavera, cidade de Londres/Reino Unido; e, proximidades do centro antigo de Lisboa no período de verão, cidade de Lisboa/Portugal. Em todas as localidades, exceto em Paris, a(o) anfitriã(o) recebeu o hóspede. A relação com alguns anfitriões permitiu o maior contato com a cultura local sendo também informado questões turísticas. Na maioria dos locais a residência foi do modo não compartilhada, exceto em Londres, neste caso observou-se uma maior interação e confiança, a vantagem de compartilhar o espaço trouxe um pouco do estilo de vida ‘inglês’, e permitiu praticar a língua além de receber boas dicas sobre a cidade.

MODALIDADES, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE

Da seleção de um conjunto de empresas, sua breve descrição e compreensão de modelos se classificam nos sistemas de Botsman e Rogers e identificadas por Freitas, Petrini e Silveira, com a inserção dos itens nível de interação entre os agentes e nível de confiança, tudo para verificar as transformações que essa nova economia propicia.

Sistemas	Empresas	Plataforma	Modelo	Tipo	Transferência financeira	Interação de agentes	Confiança	Descrição
Sistemas de serviços de produtos	Cargo	Interferente	Acesso	Aluguel	Presente	Baixo	Alto	Utilização de veículos
	Uber	Interferente	Acesso	Aluguel	Presente	Alto	Alto	Serviços de transporte
	Obike	Interferente	Acesso	Aluguel	Presente	Baixo	Alto	Utilização de bicicletas
	Bla Bla Car	Interferente	Acesso	Aluguel	Presente	Alto	Alto	Carona
Modelos de redistribuição	Wikipedia	Interferente	Acesso	Doação	Ausente	Baixo	Baixo	Propagar conhecimento
	Netflix	Interferente	Acesso	Aluguel	Presente	Baixo	Baixo	Uso de filmes - streaming
	Spotify	Interferente	Acesso	Aluguel	Presente	Baixo	Baixo	Uso de música - streaming
	E-Bay	Interferente	Transferência	Comércio on-line	Presente	Baixo	Baixo	Comércio de produtos usados
	Book Mooch	Interferente	Transferência	Troca	Ausente	Baixo	Baixo	Livros usados
Estilos de vida colaborativo	Skillshare	Intermediadora	Acesso	Troca	Ausente	Alto	Alto	Compartilhamento de habilidades
	Tag Talent Coworking	Intermediadora	Acesso	Aluguel/Troca	Presente	Alto	Médio/Alto	Aluguel de espaços profissionais/ Compartilhar conhecimento
	Festival Verde	Intermediadora	Acesso	Doação	Ausente	Alto	Alto	Visita a jardins privados e públicos
	Opendot Fablab	Intermediadora	Acesso	Aluguel/Troca	Presente	Alto	Médio/Alto	Aluguel de espaços profissionais/ Compartilhar conhecimento
	Airbnb	Interferente	Acesso	Aluguel	Presente	Médio/Alto	Alto	Aluguel de espaços domésticos

Quadro 3- Análise da transformação do consumo colaborativo - Fonte: Elaboração própria, a partir de Botsman e Rogers, 2010; Freitas, Petrini e Silveira, 2016.

Muitas empresas classificadas como economia compartilhada são na essência economia de mercado suportada pela transformação digital, proporcionando agilidade e integração entre os agentes. Esta economia agregou modalidades e oportunidades de empregos, mas se discute informalidade, legalidade e garantias trabalhistas, além da automação liberar a mão-de-obra que migra para economia social. Rifkin (2016) alerta para a mudança do emprego tradicional em função da informatização, robótica e inteligência artificial, sendo que esta emergente economia social é vista como potencial de oportunidades, recompensas psicológicas e autodesenvolvimento.

“Membros da geração digital se veem mais como participantes que trabalhadores, consideram seus atributos pessoais mais como talentos do que como competências e preferem expressar sua criatividade em redes sociais e não mais fechados em escritórios” (RIFKIN, 2016, p.160).

Destaca-se a mudança de paradigma, a transformação da posse dos produtos pelo acesso e necessidade de um estilo de vida mais colaborativo e sustentável. Engloba maior vínculo com a comunidade, busca transcendência e significados pelos valores intrínsecos ao invés do status de posse patrimonial, sendo os valores imateriais que definirão o status social.

DESAFIOS PARA A ECONOMIA COMPARTILHADA

Os negócios neste sistema econômico crescem em ritmo acelerado e usam a inovação como uma força disruptiva em diferentes mercados. Os investimentos nesta modalidade têm se expandido e empresas vem se tornando líderes alcançando posições dominantes. Os fornecedores de produtos e serviços via plataformas de compartilhamento muitas vezes não precisam seguir regulamentações como os seus concorrentes do mercado tradicional.

A economia compartilhada não é o primeiro conjunto de novos arranjos econômicos a gerar rupturas políticas. Outras indústrias enfrentam o surgimento de formas inovadoras de negócios ou tecnologias que criaram rupturas quando os inovadores exploram as lacunas ou

quando há dúvidas se há regras legais que a legitimem. Outrossim, para mercados dinâmicos e inovadores, a regulamentação muitas vezes não parece ser capaz de acompanhar o ritmo acelerado da inovação, devido a linearidade do desenvolvimento manter um caminho estático. Segundo Light (2019) nos casos de ruptura política os reguladores têm quatro escolhas principais: bloquear o inovador de entrar no mercado; proporcionar ao inovador um passe livre das regras legais existentes; aplicar o regime existente (OldReg) ao inovador, mesmo que seja um ajuste imperfeito; ou criar um regime inteiramente novo (NewReg).

O legislador deve determinar as normas legais existentes sobre impostos, empregos e direito do trabalho, seguros, proteção ao consumidor e privacidade aplicam-se na economia compartilhada, ou se há a necessidade de formulação de novas leis. Anuncia Light (2019) ser de responsabilidade da União regulamentar a aplicação de leis nacionais anti-discriminação, proteção aos consumidores e o direito à privacidade, coordenação e difusão da informação.

No tocante a **Lei Anti-Discriminação**, abordam direitos civis para evitar discriminações raciais e outras discriminações, mantendo as garantias de igualdade e isonomia nas relações negociais. Constata-se que nos serviços de transportes ou acomodações, por vezes o perfil do usuário é analisado, surgindo ou não discriminações. A exemplo, cita-se estudo feito pela Airbnb demonstrou que solicitações de reservas feitas por cidadãos com sobrenomes afro-americanos são 16% menos propensos a serem aceitos ou confirmados que outros sobrenomes. Outro estudo demonstrou em relação aos motoristas da Uber, que cancelaram corridas com passageiros com sobrenomes afro-americanos (LIGHT, 2019). Outro ponto é a necessidade destas plataformas de serviços serem obrigadas a fornecer acomodação razoável aos deficientes, incluindo o treinamento de motoristas, para permitir a entrada de indivíduos cegos com animais guias em seus veículos.

Sobre a **proteção ao consumidor** as plataformas coletam quantidade enorme de informações sobre hábitos e preferências que permitem o funcionamento do sistema, contudo a

malversação destes dados infringe o direito de privacidade. Fato que merece atenção, sobretudo pelo fato das pessoas disponibilizarem endereços, horários de permanência etc. Isto possibilita rastrear clientes, sem proteção e consequente regulação de tais informações.

Quanto a **coordenação e difusão de informação**, acredita-se que experimentação regulatória é menos valiosa se as jurisdições estaduais ou locais operarem como ilhas e estiverem desconectadas de outras jurisdições. Estudiosos defendem a descentralização do poder, atestam a forma de governança que eles chamam de “experimentalismo democrático”. Argumentam que o governo federal pode desempenhar um papel de coordenação para garantir o compartilhamento e para promover benchmarking e difusão de sucessos regulatórios (LIGHT, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência do pensamento schumpeteriano, do início do século XX, é evidente na relação da inovação, criação dos novos mercados e a importância da ação empreendedora no contexto da nova economia. Além disso, o conceito de “destruição criadora” que provocou a substituição de antigos hábitos de consumir por novos hábitos produzem efeitos semelhantes como os observados nas constantes substituições atuais de tecnologias. A exemplo do processo de destruição criadora na indústria fonográfica Vinil foi substituído pelo *streaming*.

O papel da inovação é um fator imprescindível ao desenvolvimento e a tecnologia em rede e propicia maior agilidade, maior conforto e interação entre os agentes e as novas oportunidades geradas enaltecem o empreendedorismo, além de favorecerem o surgimento de novos atores para atender a diversidade de modalidades de produtos e serviços emergentes.

O surgimento de novos produtos e serviços e a mudança para um consumo colaborativo atestam a teoria da destruição criadora, derrubando assim antigos conceitos e permitindo a

consolidação de novos paradigmas. Conclui-se que consumidores estão mais interessados em usufruir os bens no exato momento que desejem e não mais "possuir bens". Existindo uma espécie de movimento que favoreça a maximização no uso dos produtos e redistribuição sustentável, assim como o aluguel de bens pouco utilizados.

A economia compartilhada tem favorecido novas modalidades de empregos, promove a distribuição de renda mais igualitária, a democratização da economia global e a criação de uma sociedade sustentável. Os proprietários conseguem uma fonte alternativa de renda e consumidores se favorecem de preços mais baixos do que aqueles oferecidos nos mercados tradicionais. Corrobora no combate ao desemprego ocasionado pela substituição da mão-de-obra gerado pela tecnologia inteligente e a automação. As práticas desta economia suscitam questões que desafiam as bases reguladoras, com vistas a proteção do consumidor e do trabalhador, aliado a proteção da livre concorrência e a promoção de ações de inovação. Para a eficiência das modalidades, ora analisadas, ou sucesso de alguns sistemas, a interação entre os agentes é essencial e deve haver elevado grau de confiança, pelo fato do compartilhamento ocorrer pelas relações interpessoais e não como produto físico, o que resulta em conectividade social.

Observou-se que os FabLabs e coworkings propiciam o encontro de diferentes talentos e *networking*, com a troca de *know-how* resulta no desenvolvimento de novos projetos e à inovação. Agrega-se as oportunidades de aperfeiçoamentos por cursos e treinamentos sobre transformação digital, decorrentes da substituição da força de trabalho pela inteligência artificial e pela tecnologia da automação.

A experiência do modelo Airbnb mostrou que a confiança é essencial, bem como a fundamental interação com o anfitrião favoreceu o turismo. Diferentemente da economia de mercado que avalia o crédito, na economia social o que é avaliado é a reputação para garantir o caráter colaborativo, por meio de pesquisas que medem o nível de confiança dos usuários.

Ressalta-se a mudança de paradigma observados durante os estudos na UNIFE, os avanços tecnológicos e o desenvolvimento em termos de sustentabilidade da Itália nos últimos anos. A Itália retomou conceitos de economia circular. “As empresas Green são as que mais inovam, mais exportam e mais criam postos de trabalho” nas palavras do ex-primeiro ministro Paolo Gentiloni. Um país de área geográfica reduzida e com predomínio de montanhas soube ao longo de sua história aproveitar e usufruir dos recursos limitados sendo na atualidade a 7ª economia mundial. Possui como característica uma economia de pequenas empresas, com viés cooperativo, alto índice de inovação e produtos consolidados. Os produtos italianos são reconhecidos mundialmente pela sua alta qualidade, no design, na gastronomia, na herança cultural; há o nacionalismo do “*made in Italy*” que valoriza a cultura local e busca o aperfeiçoamento sem desperdício. Um país que por seus recursos limitados, por ter passado por guerras, por aspectos intrínsecos da cultura “tem feito a muitos anos, mais com menos” (GENTILONI, 2018).

Por ora, as benesses da economia colaborativa estão em fase de maturação, sendo necessário estudos quanto a melhoria de renda dos agentes participantes, o estilo de vida colaborativo, a eficiência da legislação implantada e buscar metodologias para avaliar o grau de satisfação e realização profissional dos empreendedores e dos agentes envolvidos em rede.

REFERÊNCIAS

AIRBNB. Disponível em: <https://www.airbnb.com.br/about/about-us>. Acesso em: 07 mar. 2017.

BLABLACAR. Disponível em: <https://www.blablacar.com.br>. Acesso em 15 fev. 2019.

BITTENCOURT, J. T. **Inovação e cooperação em arranjos produtivos locais**. (Tese) Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2011.

BOSTMAN, R; ROGERS, R. **O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo**. São Paulo: Bookman, 2011.

DOGHERO. Disponível em: <https://www.doghero.com.br/sobre-nos>. Acesso em: 10 mai. 2017.

EATWITH. Disponível em: <https://www.eatwith.com/brand/about/>. Acesso em: 07 mar. 2017.

ENTREPRENEUR. Disponível em: <https://www.entrepreneur.com/slideshow/321571> Acesso em: 8 mai. 2018.

FAB LAB FOUNDATION. Disponível em: <http://www.fabfoundation.org/> Acesso em: 8 mai. 2018.

FORBES. Disponível em: <https://forbes.uol.com.br/negocios/2016/03/maior-a-crise-maior-a-oportunidade-diz-cofundador-da-uber-ao-lancar-empresa-no-brasil/> Acesso em: 8 jun. 2018.

FREITAS, C.S.; PETRINI, M.C.; SILVEIRA, L.M. Desvendando o consumo colaborativo: uma proposta de tipologia. In: 9º CLAV _ Congresso Latino-Americano de Varejo, 2016. Disponível em: Brasil.<http://hdl.handle.net/10923/10138>. Acesso em: 15 jun. 2018.

GENTILONI, P. Festival da Greenweek–Trento 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YAXMQOkoxpo>. Acesso em: 15 jun. 2018.

ILTURCO. Festival Interno Verde. Disponível em: <http://www.ilturco.it/> Acesso em: 5 jun. 2018.

LIGHT, Sarah E., The Role of the Federal Government in Regulating the Sharing Economy (October 3, 2017). in: Cambridge Handbook on the Law of the Sharing Economy (Nestor Davidson, Michèle Finck, and John Infranca eds., Cambridge Univ. Press) (2018, Forth coming). Disponível em: SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3047322> Acesso em: 19 jan. 2019.

REVISTA FORBES, Brasil. Disponível em: <http://www.forbes.com.br/negocios/2016/03/maior-a-crise-maior-a-oportunidade-diz-cofundador-da-uber-ao-lancar-empresa-no-brasil/>. Acesso em: 07 mar. 2017.

REVISTA VEJA. Uber cresce 10 vezes em um ano e já tem 50.000 motoristas. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/uber-cresce-10-vezes-e-ja-tem-50-mil-motoristas/> Acesso em: 07 mar. 2017.

RIFKIN, J. **Sociedade de custo marginal zero**. São Paulo: Editora M. Books do Brasil, 2016.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

WALTRICK, R. Economia compartilhada ganha espaço no Brasil, Gazeta do povo. Curitiba 01/12/2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/economia-compartilhada-ganha-espaco-no-brasil-5psxrsin06fsfjgcnfzvvtu/>. Acesso em: 10 mai. 2018.